



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE FILOSOFIA**

**DAMIÃO ROBSON DOMICIANO**

**A CONCEPÇÃO SCHOPENHAUERIANA DE ARTE**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2011**

**DAMIÃO ROBSON DOMICIANO**

## **A CONCEPÇÃO SCHOPENHAUERIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

D669c Domiciano, Damião Robson.  
A Concepção Schopenhaueriana de Arte [manuscrito]:  
/Damião Robson Domiciano. – 2011.  
25 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Filosofia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr.. Julio Cesar Kesting,  
Departamento de Filosofia”.

1. Razão - Princípios 2. Vontade 3. Representação  
I. Título.


21. ed. CDD 128.33


**DAMIÃO ROBSON DOMICIANO**

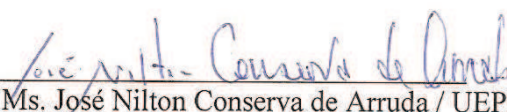
## **A CONCEPÇÃO SCHOPENHAUERIANA DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovada em 23/11/2011.

  
Prof. Dr. Júlio César Kesting / UEPB  
Orientador

  
Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães / UEPB  
Examinador

  
Prof. Ms. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB  
Examinador

## A CONCEPÇÃO SCHOPENHAUERIANA DE ARTE

### RESUMO

Apresentaremos a compreensão de Schopenhauer acerca da arte, em sua obra principal “*O mundo como vontade e como representação*”. O primeiro livro “*O mundo como representação*” que, para o filósofo de Danzig, demonstra como compreendemos o mundo, teoria do conhecimento, pois o mundo não passa de uma representação para o sujeito, e somos afetados por esta representação que nos desperta desejos, que não são propostos pela nossa razão. O que nos provoca esses desejos é a Vontade, tratado no segundo livro, que não é submetida ao princípio de razão, metafísica da vontade. E em seguida tratamos do objetivo desse Trabalho, que é, a concepção schopenhaueriana de arte. Que expressa a visão do gênio sobre o mundo e sua capacidade de representa-lo de forma diferente, expressando ela através das artes. Que faz os homens comuns ficarem em um estado de sublimidade, de suspensão dos desejos, com a negação e afirmação da Vontade em si mesma. E pela arte da poesia, mostrar o verdadeiro mundo através da tragédia, que representa a realidade na sua forma mais pura. E por ultimo a música , a arte dos sons. Que é capaz de conversar diretamente com a coisa-em-si. Para Schopenhauer a música é a própria filosofia, ela é um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que esta filosofando.

Palavras-chave: princípio de razão, vontade, representação.

### Introdução

Arthur Schopenhauer, na sua obra principal *O mundo como vontade e como representação* (1819), após ter considerado no primeiro livro *mundo como representação* (Teoria do conhecimento) e no segundo *o mundo como vontade* (Metafísica da vontade), dá prosseguimento, no terceiro livro, às suas análises filosóficas abordando acerca dos elementos estéticos de sua filosofia. A concepção estética schopenhaueriana apresentada neste livro tornou-se muito conhecida, sendo a parte de toda sua obra mais apreciada no seu tempo e também posteriormente, mesmo com toda a força da filosofia de Hegel no mesmo período. Além da influência que ela exerceu sobre os artistas, assim como também nos escritores realistas e nos pintores simbolistas do final do século XIX, teve um papel fundamental na composição da obra filosófica de Nietzsche e na música de Richard Wagner<sup>1</sup>.

Na época de Schopenhauer o termo *Estética* já havia tomado dimensões muito amplas e era aplicado àquelas considerações referentes ao belo natural e às belas artes. “O adjetivo

---

<sup>1</sup> LEFRANC, 2007, p.189.

‘estético’ torna-se mesmo algumas vezes sinônimo de belo”.<sup>2</sup> Mas o filósofo de Danzig se distancia de muitos posicionamentos, sobretudo daquele que identifica na estética um conjunto de preceitos próprios, uma escola. A estética não é uma disciplina prescritiva, assim como também não deve ser a ética.<sup>3</sup> Baumgarten, ao definir na sua *Estética* que o fim dela seria a perfeição do conhecimento sensível como tal, isto é, a beleza, tem em comum com Schopenhauer a ideia de que o belo depende de um tipo de conhecimento, como veremos mais detalhadamente no desenvolvimento de nossa pesquisa, de um conhecimento intuitivo, mas, mesmo assim, não pode ficar plenamente satisfeito com aquele conceito de perfeição que parece ser muito leibniziano. Com relação ao posicionamento kantiano, julga o filósofo que suas análises “por mais judiciosas que se mostrem às vezes, são indiretas, referem-se apenas ao ‘juízo de gosto’ e até essa expressão lhe parece infeliz: Seu ponto de partida é o veredicto de outrem, o juízo sobre o belo, e não o belo”.<sup>4</sup> Quanto a Hegel, que nas primeiras páginas de sua *Estética* entende a beleza artística aquela nascida, por assim dizer, duas vezes do espírito e que tanto o espírito como suas citações encontram-se acima da natureza e de suas manifestações, de modo que o belo artístico se encontra também acima da beleza da natureza,<sup>5</sup> podemos afirmar, com Lefranc, que:

[...] a nossa cultura contemporânea encontra-se impregnada de hegelianismo. A beleza de uma paisagem já não interessa mesmo aos pintores e poetas; refletir nisso, se é que se ousa dizê-lo, fica reservado aos prospectos turísticos! Abandonamos totalmente o conhecimento objetivo à ciência, e vamos procurar na arte o testemunho da irredutível subjetividade humana em sua grandeza ou em sua miséria. Por um muito significativo ressurgir de temas teístas em um pensamento que muitas vezes se tornou ateu, a nossa estética é uma estética de produção artística considerada como a exaltação do poder *criador* [...] que se tornou tal que o termo arte, no singular, se basta a si mesmo, sem referência a qualquer realização da beleza.<sup>6</sup>

Schopenhauer, por sua vez, une-se na sua concepção de belo, como veremos nas páginas que se seguem, expressamente a concepção platônica de Ideia, de modo que o conhecimento estético tem a ver com o descobrimento intuitivo da Ideia, além das formas do princípio de razão do tempo, do espaço e da causalidade. Para o filósofo de Danzig a Estética só pode ser uma Metafísica do belo.

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 354.

<sup>4</sup> LEFRANC, 2007, p. 191.

<sup>5</sup> HEGEL, 1996, p. 27-29.

<sup>6</sup> LEFRANC, 2007, p. 189-190

Pode-se muito facilmente exprimir assim o problema fundamental da metafísica do belo: como é possível que um objeto nos dê contentamento e alegria, sem que exista relação alguma com a nossa vontade? [...] Minha solução é que, no belo, apreendemos as formações essenciais e originárias da natureza animada ou inanimada, e que essa apreensão tem como condição, por correlato essencial, *o sujeito do conhecimento puro de toda vontade*, isto é, uma pura inteligência, sem planos nem metas.<sup>7</sup>

Nas páginas que se seguem abordaremos, pois, a concepção schopenhaueriana de arte. Explicitaremos, primeiramente, alguns pressupostos para uma melhor compreensão da mesma, como por exemplo, a compreensão do filósofo do mundo como representação e como vontade. Em seguida elucidaremos a visão schopenhaueriana de arte relacionada à vontade e ao mundo das Ideias platônicas. Por último, apresentaremos os diversos tipos de arte de acordo com o grau de objetivação que elas respectivamente possuem da Vontade. Poderíamos resumir os objetos (assim como também a estrutura) de nossa pesquisa, como as palavras de Schopenhauer, da seguinte forma:

[...] qual modo de conhecimento considera unicamente o essencial propriamente dito do mundo, alheio e independente de toda relação, o conteúdo verdadeiro dos fenômenos, não submetido à mudança alguma e, por conseguinte, conhecido como igual verdade por todo o tempo, numa palavra, as IDEIAS que são a objetividade imediata e adequada da coisa-em-si, a Vontade? – Resposta: é a ARTE, a obra do gênio. Ela repete as ideias eternas apreendidas por pura contemplação, o essencial e o permanente dos fenômenos do mundo, que, conforme o estofa em que é repetido expõe-se como arte plástica, poesia e música.<sup>8</sup>

## **1. O mundo como representação e como vontade**

### **1.1. Do mundo como representação**

Em sua obra principal, *O Mundo como Vontade e como Representação*, Schopenhauer trata o mundo a partir de duas perspectivas: da Representação e da Vontade. Essas não podem ser vistas separadas, pois funcionam simultaneamente. Schopenhauer já havia percebido isto nos textos filosóficos de Platão e Kant, ou seja, que existe uma divisão do real, entre o mundo sensível e inteligível na filosofia de Platão e entre o fenômeno e a coisa-em-si na filosofia de Kant. Vejamos, primeiramente, como Schopenhauer trata o conceito de representação.

<sup>7</sup> SCHOPENHAUER, 1968, p. 490-491.

<sup>8</sup> SCHOPENHAUER, 2005. p. 253.

Na primeira parte do seu livro principal Schopenhauer apresenta o que, para ele, é a representação. Ao iniciar, o autor faz a seguinte afirmação: “O mundo é minha representação”.<sup>9</sup> Não há outra forma de compreensão do mundo válida. “O mundo, em sua totalidade, o universo como um todo, é pura representação, é objeto em relação a um sujeito, existem apenas para o sujeito”<sup>10</sup>. Fora dessa relação, de sujeito e de objeto, não há possibilidade de outra experiência do mundo. A partir disso, devemos afirmar que, todo o conhecimento que obtemos do mundo, acontece no âmbito da representação. Assim, cada pessoa tem sua própria representação do mundo no qual vive. A filosofia de Schopenhauer não parte, nem do sujeito e nem do objeto, mais sim da representação. Toda representação pressupõe o sujeito e objeto. Não pode haver nenhuma possibilidade de representação sem a relação de sujeito e objeto; essa vale como pressuposto fundamental para a representação. O sujeito e o objeto são indispensáveis para o conhecimento. Somente através deles é que podemos conhecer o mundo. Schopenhauer afirma também que o sujeito pode conhecer todos os objetos, mas é incapaz de reconhecer a si próprio. Assim afirma:

Aquele que tudo conhece mais não é conhecido por ninguém é o SUJEITO. Este é, por conseguinte, o sustentáculo do mundo, a condição universal e sempre pressuposta de tudo o que aparece de todo objeto, pois tudo o que existe, existe para o sujeito. Cada um encontra-se a si mesmo como esse sujeito, todavia, somente na medida em que conhece, não na medida em que é objeto do conhecimento. Objeto, contudo, já é o seu corpo, que, desse ponto de vista, também denominamos representação.<sup>11</sup>

O corpo do homem, no qual reside o sujeito, é tido como objeto. E pode desta forma também, ser compreendido como uma representação, e está submetido às mesmas condições do princípio de razão. Mas esse corpo é um objeto especial, pois se distingue dos outros objetos por ser o único objeto imediatamente apreendido pelo sujeito. É ele que media o entendimento, para o sujeito, dos outros objetos exteriores a ele.

Schopenhauer fala também das formas do princípio de razão, das condições *a priori* da representação: tempo e espaço. Pelo fato do sujeito não conhecer a si próprio, não é possível aplicar a ele as formas *a priori* do princípio de razão, tempo e espaço. E isso é uma exclusividade dos objetos. Todo objeto está submetido ao princípio de razão, ao tempo e ao espaço. Tempo e espaço são um conhecimento *a priori* do sujeito indispensáveis para a compreensão dos objetos; eles são as condições *a priori* de sua existência.

---

<sup>9</sup> Ibidem, p. 43

<sup>10</sup> CARDOSO, 2008, p. 53.

<sup>11</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 45.



Assim sendo, tempo e espaço representam para a filosofia de Schopenhauer a condição essencial para representação do mundo. Somente através do tempo e espaço somos capazes de reproduzir uma imagem (uma representação) em nossa mente.

Trata-se, como dito, de uma descoberta muito importante de Kant o fato de que justamente semelhantes condições, formas do mundo visível, o mais universal em sua percepção, o elemento comum a todos os seus fenômenos, isto é tempo e espaço, possam ser não apenas pensados *in abstracto*, por si e separados do seu conteúdo, mas também intuídos imediatamente. Intuição que não é como um fantasma, extraído por repetição da experiência, mas tão independente desta que, ao contrário, a experiência tem antes de ser pensada como dependente dela, visto que as propriedades do espaço e do tempo, conhecidas *a priori* pela intuição, valem para toda experiência possível como leis com as quais, na experiência, tudo tem de concordar.<sup>12</sup>

Sem tempo e espaço não poderíamos formar uma representação do mundo. Schopenhauer chama esta condição de “*principium individuationis*”<sup>13</sup>. Somente através deste princípio é que podemos ver os objetos “que se apresentam a nós como algo múltiplo, dividido em entes singulares”<sup>14</sup>.

Mas há também uma terceira condição *a priori* de toda representação: a causalidade. Schopenhauer a caracteriza como uma forma do entendimento. Schopenhauer exclui as outras onze categorias de Kant de sua teoria do conhecimento, dizendo que, seria invenção de Kant para satisfazer seu anseio por simetria arquitetônica. Para Schopenhauer a causalidade proporciona a ligação entre espaço e tempo. A causalidade é a própria essência da matéria. A matéria é identificada pela atividade que proporciona. Essa atividade é a de causa e efeito. O ser da matéria é justamente sua atividade, ou seja, é o agir de um objeto material sobre outro, no qual este último atua sobre o objeto imediato, e assim provocando uma representação do real para o sujeito. Como explica Schopenhauer:

O ser da matéria é o seu fazer-efeito. Nenhum outro ser lhe é possível nem sequer pensável. Apenas como fazendo-efeito ela preenche o espaço e o tempo. Sua ação sobre o objeto imediato condiciona a intuição, na qual unicamente ela existe. A consequência da ação de qualquer objeto material sobre um outro, só é conhecida na medida em que este age diferentemente de antes sobre o objeto imediato, e consiste apenas nisso. Causa e efeito, portanto, são a essência inteira da matéria. Seu ser é seu fazer-efeito.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 17.1

<sup>14</sup> CARDOSO, 2008, p. 57.

<sup>15</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 50.

Schopenhauer chama este ser de Wirklichkeit<sup>16</sup> (efetividade). Esta efetividade é para Schopenhauer o real verdadeiro. Portanto, toda experiência, ou representação, dos objetos, é possibilitada pelo pressuposto da causalidade. Nossa representação é derivada deste modo do princípio da razão; é desta forma que representamos o mundo. E as formas do tempo, espaço e da causalidade são formas do entendimento.

O entendimento para Schopenhauer permite-nos a compreensão da matéria e ele não é uma particularidade do homem. Os animais possuem, também, semelhante entendimento, pois correlacionam causa e efeito. Os animais possuem a capacidade de relacionarem causa e efeito para entenderem a realidade, mas em grau inferior aquela do homem. Para Schopenhauer o que diferencia os homens dos animais é unicamente a razão, faculdade dos conceitos presentes no homem. “Não é, definitivamente, o entendimento, mais sim a razão, definida como faculdade de formar representações abstratas – os conceitos – o elemento distintivo que separa os homens dos demais animais”<sup>17</sup>.

Para Schopenhauer do entendimento dependem as representações intuitivas, da razão as abstrações. O que a razão reconhece com exatidão, chama-se verdade, que é o oposto do erro. E o que se conhece com igual exatidão do entendimento chama-se realidade.

Vejam um pouco mais sobre as representações abstratas. As representações abstratas só podem ser atribuídas à razão. A capacidade da razão de abstrair conceitos a partir de representações já formadas da realidade é que diferencia o homem de todos os outros animais. Desta forma é que somos capazes de deliberarmos metas, planos pressupor motivos para explicações ou deduções. Os animais limitam-se simplesmente a condições, possuem apenas respostas imediatas, proporcionados pelo princípio de razão. Para Schopenhauer a noção de razão possui ao mesmo tempo uma relação estreita com a linguagem. Através da linguagem o homem tem a capacidade de acumular conhecimentos, expressar ideias entre inúmeras outras coisas.

## **1.2. Do mundo como vontade**

Na primeira parte deste texto tratei do mundo como minha representação. Agora irei tratar do complemento da representação. Schopenhauer sente a necessidade de estudar essa força que, entre outras coisas, nos leva a agir. As ciências são movidas pelas três formas *a*

---

<sup>16</sup> Wirklichkeit (efetividade) deriva de wirken, fazer-efeito. A efetividade (realidade) faz-efeito, pois, no sujeito.

<sup>17</sup> CARDOSO, 2008, p. 63.

*priori* de conhecimento, ou seja, pelo tempo, espaço e causalidade. Mas elas não têm a capacidade de esclarecer completamente as forças da natureza, limitando-se apenas a esclarecer o “como” dos acontecimentos fenomênicos e não o “porquê” dos fenômenos em si. Assim percebe-se que a ciência não possui a capacidade de dar conta de explicar completamente os fenômenos. Somente a filosofia pode alcançar isso e além da representação. Tenta-se, assim, explicar os segredos do mundo, uma “realidade” além daquela da representação. Schopenhauer aponta aquilo que os outros filósofos erraram ao procurarem a essência do fenômeno, pois eles partiam da representação. Mas o método de chegar a essência das coisas é buscar a vontade primeira, a coisa-em-si.

Para Schopenhauer procurar a “coisa-em-si” não significa partir das representações, exteriores mas sim do próprio corpo. O corpo, por um lado, faz parte do mundo, é objeto do conhecimento, e o sujeito tem o conhecimento do mesmo através da representação. Mas por, outro lado, o corpo já faz parte da verdadeira natureza da realidade. E a esta verdadeira natureza, que se contrapõe a representação, Schopenhauer denomina de Vontade.<sup>18</sup>

Ao sujeito do conhecimento que entra em cena como indivíduo mediante sua identidade com o corpo, este corpo é dado de duas maneiras completamente diferentes: uma vez como representação na intuição do entendimento, como objeto entre objetos e submetido às leis destes; outra vez de maneira completamente outra, a saber, como aquilo conhecido imediatamente por cada um e indicado pela palavra VONTADE.<sup>19</sup>

Schopenhauer quer dizer que a Vontade é independente da representação, não lhe é cabível as leis do tempo, espaço e causalidade. Neste sentido afirma Cardoso:

Conhecemos, portanto nosso corpo de duas maneiras distintas: como representação para o entendimento e imediatamente, como vontade. Ressalte-se um ponto importante: não se trata aqui de duas coisas diferentes, ligadas por uma relação de causalidade, mas de uma só e mesma coisa, vista de duas formas diferentes. A vontade não é causa do movimento corporal do indivíduo no plano das representações, ela corresponde essencialmente a ele. Toda manifestação da vontade é já um ato de indivíduo, e vice-versa.<sup>20</sup>

Schopenhauer depois dessas conclusões, acerca da Vontade, abre uma nova questão: Se nossa Vontade é provocada pelos objetos exteriores ao nosso corpo, esses objetos possuem

<sup>18</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 157.

<sup>19</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 157.

<sup>20</sup> CARDOSO, 2008, p. 74.

uma Vontade, já que não se pode ter o conhecimento imediato desses objetos? Será que esta Vontade é universal para todos os objetos?

O conhecimento íntimo dos fenômenos, a Vontade, vale tanto para o homem quanto para os animais, como também para toda a composição do universo. Todo o universo dos fenômenos tem uma mesma essência. E esse conhecimento íntimo é chamado de Vontade. No momento que se ultrapassa o fenômeno chega a coisa-em-si, a essência do mundo: a Vontade.<sup>21</sup> A Vontade em si não é um objeto, mas impera sobre objeto fenomênico. Desta forma, a Vontade é o princípio motriz da movimentação do universo, “fundamento ontológico do mundo, é ela a razão última de todos os fenômenos”,<sup>22</sup> e está fora do domínio da consciência.

A Vontade, pois, não se submete de nenhuma forma ao princípio da razão; é, neste sentido, completamente livre das leis do tempo, do espaço e da causalidade.

## **2. Ideias**

### **2.1. As Ideias**

Como vimos, Schopenhauer analisa o mundo primeiramente como representação; em seguida, investiga o mundo como vontade, essência última de todas as coisas. A vontade, como coisa-em-si, precede a pluralização das coisas que acontece conforme o princípio de razão. Mas a vontade se torna objeto, representação, imagem por meio de relações com os originais, com as Ideias que formam um universo atemporal. Essas Ideias são formas independentes do princípio de razão. Schopenhauer estabelece aqui uma relação de sua teoria com a teoria das Ideias platônicas.

Platão concebe as Ideias como originais, a essência das representações, a coisa-em-si. A compreensão dos objetos no mundo sensível se dá na relação que se faz entre os originais com os objetos. Os originais são as formas universais. Tudo que está relacionado a essas Ideias é cópia, cópia da Ideia em si. Sabemos, por exemplo, o que é justiça, mas não o que é a justiça em si. Só podemos fazer uma relação do que é justo para nós em relação com os outros. Façamos aqui uma relação com o exemplo que Platão coloca no final do seu dialogo

---

<sup>21</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 168.

<sup>22</sup> CARDOSO, 2008, p. 78.

Mênon.<sup>23</sup> Sócrates está tentando mostrar a Mênon que todos têm as ideias originais em sua alma, e propõe um desafio ao escravo de Mênon, que não possui nenhum conhecimento sobre geometria. Sócrates desenha um quadrado no chão e pergunta ao escravo o que ele desenhou. O escravo responde que é um quadrado. Vê-se que o escravo compreende o desenho por entender o conceito de quadrado, que consiste em uma figura que possui quatro lados, dois pares de linhas paralelas e quatro ângulos retos. Para que haja essa compreensão já é necessário um conhecimento *a priori*. Em seguida Sócrates pede que o escravo diga a ele como se pode fazer um quadrado de área dupla a partir daquele quadrado que está desenhado na areia. Agora é necessário, não a compreensão do fenômeno por meio da representação mais sim, uma relação da ideia do quadrado, o quadrado em si, com a representação do fenômeno do quadrado desenhado na areia. Depois de muitas tentativas, mal sucedidas, o escravo admite não saber como solucionar o problema. E Sócrates responde que, é através da diagonal do quadrado, e que completando os três lados restantes como o mesmo tamanho da diagonal do primeiro quadrado dará um quadrado com a área duplicada do primeiro.

Na sua forma mais simplificada a teoria das ideias postula a existência de um mundo de objetos imateriais e inteligíveis, qualitativamente diferentes daqueles sensíveis, que mantêm com estes últimos uma relação de unidade a multiplicidade, de universal a particular. [...] junto das muitas coisas grandiosas, belas ou justas que existem no mundo empírico, existiriam no mundo inteligível uma grandeza em si, uma beleza em si, uma justiça em si: tais objetos, únicos e universais, livres do tempo, do espaço e de qualquer forma de devir, representariam aquilo que são realmente, em sua essência pura e não contaminada, isto é, a grandeza enquanto tal, a beleza enquanto tal, a justiça enquanto tal. Em outras palavras, enquanto as coisas grandes, belas ou justas existem temporariamente ou relativamente, as ideias correspondentes a elas existem de modo absoluto e eterno.<sup>24</sup>

O belo, a grandeza, a pequenez, a justiça: Tudo isso são Ideias universais que não são conhecidas em si, mas por relação com as outras. Forma-se uma representação, uma cópia. As representações (cópias) são a pluralidade do uno. As cópias não possuem nenhum ser verdadeiro, porque “ELAS SEMPRE VÊM-A-SER, MAIS NUNCA SÃO.”<sup>25</sup> A compreensão, por exemplo, que tenho do que seja um cachorro é universal, mais os cachorros que existem são apenas uma pluralidade dessa Ideia. Só a ideia é verdadeira. Assim as Ideias “SEMPRE SÃO, MAS NUNCA VÊM-A-SER”.<sup>26</sup> Para Schopenhauer, adaptando, por sua vez, a teoria

<sup>23</sup> PLATÃO, Mênon, 82b-85b.

<sup>24</sup> TRABATTONI, 2010, p. 89.

<sup>25</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p.237.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 238.

platônica das Ideias na sua filosofia, a Ideia é dada por cada grau objetivado e fixado pela Vontade. Esses graus são estabelecidos através da relação entre o objeto com suas formas (Ideias) universais.

## 2.2. A Ideia do belo

Tanto para Platão como para Schopenhauer estaremos fadados a ignorância se não nos esforçarmos para compreender as coisas a partir de um nível superior, só enxergaremos as coisas como representação e não como dependentes de um mundo inteligível. Assim, existe uma saída para nossa ignorância; essa saída consiste em procurarmos as essências das coisas, o que nos fará deixar de lado, pelo menos por um instante, o sofrimento causado pela ignorância. Para Schopenhauer, essa saída consiste na contemplação estética da Ideia do belo. Ao contemplar a ideia do belo o contemplador estético pode distanciar-se do domínio da Vontade. Ao contemplarmos a Ideia deixamos de ser enganados pelas aparências e reconhecemos aquilo que é verdadeiro, a essência do objeto, a coisa-em-si. Com a negação da vontade o sujeito fica livre para contemplar a Ideia, passa a ser o “PURO SUJEITO DO CONHECIMENTO destituído de Vontade e sofrimento”.<sup>27</sup> Quando o sujeito contempla uma obra de arte, a Vontade perde a força e fica suspensa. A obra de arte permite a contemplação da Ideia do belo em si, sendo interrompida a noção de tempo e espaço. Essa contemplação para Schopenhauer significa, pois, a negação da Vontade. Logo, destituído dos desejos insatisfeitos, o que torna o sujeito infeliz, o novo sujeito da contemplação estética é agora feliz.

O sujeito, por ser um puro contemplador do conhecimento, contempla a natureza de modo puro e pode compreender o seu conteúdo de forma não contaminada pelo princípio de razão. Invaso pela fruição da representação do todo (da Ideia) Schopenhauer chama esse sujeito de GÊNIO.

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 246.

### 2.3. Quem é o gênio?

Genial é a pessoa que possui um intelecto diferente daquele do das pessoas normais. As pessoas normais estão, na maioria das vezes, completamente dominadas pelo princípio de razão. Esse é o tipo de conhecimento que elas possuem da vida, do mundo. O gênio, por ter maior intelecção, se desvencilha com mais facilidade dos desejos relacionados à Vontade.

O gênio por não ser entregue aos desejos, deleita-se de uma qualidade tida por poucos: aquela de poder observar os fenômenos a partir de uma perspectiva diferenciada. A representação que fará através da intuição não será deturpada pela Vontade, tendo uma ideia mais clara da verdadeira Ideia do fenômeno, podendo deslumbrar-se com mais facilidade. Sendo assim, o gênio tem uma capacidade de produzir obras de arte com extrema facilidade. E elas representam um grau mais elevado do que a própria experiência real. A obra de arte nos apresenta as coisas com maior clareza do que a própria experiência pode nos apresentar. Na pintura de uma paisagem, por exemplo, estando duas pessoas olhando um pôr-do-sol, a pessoa normal representará o mesmo de uma forma comum, direcionada pelo princípio de razão; mas o gênio perceberá esse mesmo pôr-do-sol de uma forma diferenciada. O gênio representará esse pôr-do-sol a partir da Ideia do belo que a paisagem lhe proporcionou.

A verdadeira morada do gênio é a intelecção, e não o pensamento conceitual, a partir do qual as pessoas comuns percebem as coisas. Segundo a concepção de Schopenhauer, a arte produzida através de conhecimentos específicos, pela técnica ou com a ajuda das ciências em geral, não passa de mera cópia, sendo desinteressante para o público em geral, pois esse tipo de arte não possui a mesma característica daquela feita pelo gênio. A originalidade das obras de arte consiste na genialidade do gênio de se deixar enfeitiçar por uma Idéia.

Há poucos gênios porque possuem uma particularidade de não estarem de acordo com a sociedade que se vive, está sempre a frente de sua época. Os gênios são os grandes artistas de sua época ou são considerados como loucos, mais não por terem um talento, pois, aquele que é talentoso não é um gênio necessariamente. É gênio porque está a observar as coisas de uma perspectiva completamente diferenciada do que as outras pessoas.

Os gênios são raros por serem, num certo sentido, antinaturais. Na grande maioria das pessoas, o funcionamento do intelecto se acha subordinado ao atingimento de fins individuais, como o prevê a teoria de Schopenhauer. O intelecto está, nesse caso, a serviço da vontade, não sendo “projetado” para o trabalho imaginário despojado de propósito que apreende e transmite as Ideias eternas. De igual forma, as pessoas dotadas de gênio costumam ser consideradas excêntricas. Devido à sua elevada faculdade imaginativa e à sua tendência a desviar a atenção das conexões imediatas entre as coisas, a genialidade exhibe certa semelhança como a loucura. Os gênios não

atendem às expectativas de sua época e lugar, ao contrário das pessoas dotadas apenas de talento, que são admiradas por sua capacidade de produzir o que se deseja quando se deseja (W2, 390). Dado o grau em que seu intelecto funciona independentemente da vontade voltada para fins, o homem de gênio tende a ser uma pessoa pouco prática.<sup>28</sup>

Em seguida aprofundaremos os níveis ou graus artísticos da teoria schopenhaueriana da arte.

### **3. Níveis ou graus artísticos**

#### **3.1. O que são os graus?**

São as forças da condição do princípio de razão que condiciona a Vontade. Desta forma a Vontade age no sujeito, motivando ele a fazer o que tem mais graus de objetivação de Vontade, podendo mudar a Vontade de acordo com a lei da causalidade. Esses valores são encontrados nas artes. Cada forma de arte tem os seus graus de excitação.

Desta forma, Schopenhauer estabelece uma hierarquia no mundo das artes. Num nível mais baixo que as outras está a arquitetura. Ela apresenta as Ideias mais elementares da objetivação da vontade, pois estão relacionadas às qualidades da matéria. Essas são: a coesão, a rigidez, a reação contra a luz, da luta da gravidade contra a resistência. A arquitetura consiste na firmeza das edificações, na manipulação da natureza pela luz. Em seguida vem a jardinagem e a pintura paisagística que trabalham com a ideia do reino vegetal. No ápice da hierarquia esta a poesia, sobremaneira do drama, pois expõe a ideia na qual a Vontade atinge o seu grau de objetivação mais elevado: o ser humano no palco do mundo. Mas Schopenhauer afirma que a arte que supera todas as outras é a música por ser uma linguagem imediata da coisa-em-si, da Vontade.

---

<sup>28</sup> JANAWAY, 2003, p. 98.



## 4. As artes

### 4.1. A Arquitetura

Segundo a concepção de Schopenhauer, as artes formam, pois, uma hierarquia. E cada uma delas, de acordo com os graus que atingem, será superior ou inferior. A arquitetura está na base dessa hierarquia, pois lida com as ideias naturais mais elementares: a luz, a gravidade e a resistência. Essa arte, a das construções, representa a luta entre a gravidade e a resistência, “reflexo da discórdia intrínseca da Vontade com ela mesma”.<sup>29</sup> Essa forma de arte consiste no equilíbrio entre a força da gravidade, que puxa para baixo, com o seu oposto, a resistência, que mantém erguido a estrutura arquitetônica. A visibilidade do conflito, gravidade e resistência, é o que proporciona o contemplar dessa forma de arte.

Se for de outro modo não agradará ao espectador. Segundo Schopenhauer, é por essa razão que as casas ou prédios feitos com materiais leves não chamam muito a atenção do espectador à contemplação. Se forem materiais leves, mas que imitem o mármore, o ouro ou qualquer outro tipo de material pesado, de início o espectador o contemplará com atenção, mas ao descobrir a farsa do material não o achará mais interessante. A arquitetura é uma arte que se contrapõe à vontade na natureza. A ilusão faz parte do fenômeno temporal e não da eternidade verdadeira que a arte compartilha.

A luz tem uma importância fundamental nesse tipo de arte, pois é ela que torna as construções nítidas, possíveis de serem contempladas no máximo de seu esplendor, no seu inter-relacionamento entre gravidade e resistência. A luz é espetacular, pois ilumina o objeto permitindo-nos a visão dele. Ela faz parte da ideia, sendo o principal alicerce da alegria artística que a arte proporciona.

Schopenhauer percebe que os edifícios arquitetônicos são diferentes, de acordo com a região, e seus aspectos atmosféricos. A temperatura ambiente possui, pois, um papel fundamental nessas construções. Em locais mais frios os artistas não têm muita liberdade para criações artísticas, tendo que se reter apenas à comodidade e ao bem estar. Mas nos países com uma temperatura elevada, como a dos países tropicais, o artista tem toda a liberdade de criar artes que desafiem a natureza. Assim é mais fácil observar esse tipo de arte em países de clima mais quente, pois são esses locais que o espírito lúdico pode expressar-se de forma mais espontânea e livre.

---

<sup>29</sup> BARBOZA, 2003, p. 66.

## **4.2. Jardinagem, escultura e pintura de animais**

As ideias expressas pela arquitetura (gravidade, resistência e a luz), por serem elementos fundamentais da natureza, são inferiores às da jardinagem. Na jardinagem aparecem as ideias dos vegetais, superiores às pedras, porque possuem mais princípio de razão, mais Vontade.

A jardinagem consiste em manter o que a natureza produz no seu mais espontâneo agir. Um jardim belo, para Schopenhauer, é aquele que preserva a natureza já existente. Em um local intocado da natureza, em uma floresta, por exemplo, notamos a exuberância das cores, contrastes de árvores, de flores e dos próprios animais e insetos que vivem no local. Logo, para o filósofo, a casa que for construída em um local que tenha árvores ou plantas ao seu redor, mantidas na sua própria naturalidade, possuirá um nível mais elevado de beleza pelo fato de não haver intervenção das mãos humanas. Diferente dos jardins planejados, que segundo Schopenhauer, nunca chegarão a ser uma verdadeira obra de arte, porque não são naturais: todas as sementes serão transportadas e plantadas em locais planejados, na intenção de formar algum tipo de desenho ou ordem planejada, perdendo toda a sua qualidade de natureza. Cria-se assim uma arte que atrapalha a contemplação do indivíduo, oposta à finalidade própria da arte. Desta forma fica evidente, porquê, para Schopenhauer uma flor é mais bonita na floresta que num jardim.

Após a jardinagem vem a pintura e a escultura de animais. O reino animal é superior ao vegetal. Essas duas formas de artes representam a ideia eterna dos animais para a contemplação do espectador. As pinturas são janelas que nos permitem a contemplação da ideia do gênio; assim também são as esculturas. Por intermédio delas o sujeito se satisfaz metafisicamente, deixando de lado a representação de um animal e percebendo apenas a ideia do animal em si.

## **4.3. Escultura e pintura humanas**

O objetivo de toda arte é expor a ideia. Desse modo é possível a intuição da coisa-em-si pelo espectador, é possível visualizar o invisível, podendo contemplar a ideia da eternidade. Assim as ideias da Vontade ultrapassam os reinos material, vegetal, animal e humano. A arte

torna-se, assim, magnânima no seu mais completo sentido, pois consegue situar a Ideia de eternidade no tempo.

A escultura e a pintura são formas de artes mais elevadas do que as citadas anteriormente, pois estão relacionadas a uma espécie mais elevada de seres: a dos seres humanos. Assim, a Vontade se objetiva no seu ponto mais alto: na obra de arte de seres racionais. Ao se pintar um retrato ou esculpir uma forma humana não se irá tratar de gênero ou de raça; tratar-se-á de uma representação do objeto que o gênio vê, aquilo que figura o essencial nas coisas.

Por ser uma arte superior na hierarquia, por ter um grau mais elevado, a expressão de um rosto humano em uma pintura, desperta uma alegria incomensurável no espectador. Tanto na escultura quanto na pintura de rostos ou corpos, a alegria não se apresenta como algo cômico, mas como alegria de uma contemplação de si próprio. A representação que o gênio faz de um corpo nu, por exemplo, não é algo que provoque o desejo sexual; o gênio está interessado em mostrar a pura forma humana, a Ideia de homem que se encontra no corpo. Esta forma de arte, como negação da vontade sofrerá fortes críticas principalmente por Nietzsche. Segundo Nietzsche, é hilário pensar que diante de um corpo nu não se tenha um desejo sexual. Sente-se algo, pois a arte é excitante e não um calmante das emoções. Nietzsche em sua fase niilista tentará inverter as teses schopenhauerianas da negação da Vontade em afirmação da vida.

#### **4.4. Poesia e tragédia**

Agora trataremos de uma arte que Schopenhauer considera a mais elevada entre todas as demais: a poesia. Além de ser uma arte que esta isenta da estaticidade, ela dinamiza a Ideia de humanidade. Sua dinâmica de apresentar essa Ideia pode modificar-se constantemente na imagem do objeto, ultrapassando assim as formas de exposição das Ideias das artes plásticas. Essa diferença dá-se porque a ferramenta do poeta são as palavras. O poeta é um “artista racional”.<sup>30</sup> Os conceitos do artista não são iguais aos científicos, lógico-matemáticos. Assim, a autêntica poesia faz parte da filosofia e vice-versa. Ela tem a ver com uma visão global da vida, atribuindo variação na imagem da humanidade que é impossível de ser percebida em um quadro ou em uma escultura. Ela expressa a Ideia de tempo, de espaço, mas que estão fora do

---

<sup>30</sup> Ibidem, p. 72.

princípio de razão, por ser um conhecimento intuitivo. Ele leva o espectador a épocas diferentes e sensações diversas, fora do âmbito da Vontade e do princípio de razão que gera no sujeito representações comuns.

A poesia trata com suprema capacidade a própria discórdia originária da vontade consigo mesma. Assim surgem os dramas, as tragédias recheadas de conflitos e brigas. Somente através da poesia o gênio pode tratar do pensamento, das emoções, dos afetos, das ações de um personagem lúdico. E é especificamente esta qualidade de representar, de formar uma representação da verdadeira humanidade, das tragédias do mundo que tornam a poesia tão importante. Para Schopenhauer a tragédia é a representação mais fiel do verdadeiro mundo que vivemos.

Para Schopenhauer, existem três meios possíveis de se trazer esses infortúnios, da tragédia, para a representação do sujeito. O primeiro meio é: com um caráter de perversidade monstruosa, encontrada, sobremaneira, nas tragédias de Shakespeare; o segundo meio é: com um destino inserto, encontros casuais, de erros que acontecem nas tragédias gregas; e por último: com as situações recíprocas, que relacionam os personagens uns com os outros, considerado por Schopenhauer o melhor modo de representação da tragédia. Trata-se da forma mais real da realidade, onde a felicidade pode ser destruída a qualquer momento por forças exteriores a nossa condição, onde o sofrimento de um é a alegria de outro. Este é o melhor, mas também o mais difícil meio de ser produzido, pois tem que fazer maior efeito com poucos meios e pequenos motivos na ordem e na composição.

Mas não é apenas desse modo que Schopenhauer vê a tragédia. Para ele a tragédia é a forma de representar o mundo trágico no qual vivemos. O espectador não suporta a tragédia enquanto sua realidade, mas se deleita em sua apresentação como Ideia, porque o espectador está lá como um puro sujeito do conhecimento.

Para o autor da obra *O mundo como vontade e como representação* a tragédia tem como finalidade a purificação produzida pelo sofrimento na exibição da negação da Vontade. Mas para que se consiga isso, como afirma Machado, faz-se necessário um conhecimento superior:

Pois enquanto o conhecimento está submetido ao princípio de individuação, ao princípio de razão, o poder dos motivos é irresistível. Por outro lado, assim que se compreende que uma mesma vontade constitui a essência da coisa em si, e se tira desse conhecimento um apaziguamento geral do querer, os motivos particulares tornam-se impotentes, visto que o modo de conhecimento que lhes correspondia é abolido e substituído por um conhecimento completamente diferente. O conhecimento da essência das coisas é um calmante para a vontade, um sedativo da volição. [...] A

negação da vontade de viver, a resignação, resulta da compreensão do conflito da vontade consigo mesma.<sup>31</sup>

O sofrimento, proporcionado pela tragédia, é essencial para que se possa alcançar o conhecimento puro, porque é através dele que se pode alcançar o conhecimento puro como aniquilação da Vontade. Isso, para Schopenhauer, é necessário para se chegar à libertação. A dor toma a forma do conhecimento puro, e direciona à verdadeira redenção como analgésico do querer. A partir da demonstração dos sofrimentos na tragédia evidencia-se a insignificância da vida. Posto por Schopenhauer:

Este último tipo de tragédia me parece superar em muito as anteriores, pois nos mostram a grande infelicidade não como exceção, não como algo produzido por circunstâncias raras ou caracteres monstruosos mais como algo que provém fácil e espontaneamente das ações e dos caracteres humanos, como uma coisa quase essencial, trazida terrivelmente para perto de nós.<sup>32</sup>

O conhecimento dos horrores da cena trágica possibilita a assimilação de outra forma de existência.

#### 4.5. A Música

A música para Schopenhauer é a arte magnânima, e está acima de todas as outras. A poesia está no topo da pirâmide hierárquica das artes, mas a música está acima do topo dessa pirâmide. Pois na música não se trata de exposições de imagens, ou de formar uma representação de uma cena, como na poesia. A música se comunica diretamente com a coisa-em-si. Nela tem-se um contato direto com a essência do mundo, com a Vontade. A arte dos sons não reproduz intuições estéticas, ela é uma mensagem direta, imediata do “âmago” das coisas. Para Schopenhauer:

A música é uma tão IMEDIATA objetivação e cópia de toda a VONTADE, como o mundo das coisas particulares. A música, portanto, de modo algum é semelhante às outras artes, ou seja, cópia de Ideias, mas CÓPIA DA VONTADE MESMA, cuja objetividade também são as Ideias. Justamente por isso o efeito da música é tão mais

<sup>31</sup> MACHADO, 2006, p. 184-185.

<sup>32</sup> SCHOPENHAUER, 2005, p. 335.

poderoso e penetrante que o das outras artes, já que estas falam apenas de sombras, enquanto aquela fala da essência. Ora, já que é a mesma Vontade que se objetiva tanto nas Ideias quanto na música, embora de maneira bem diferente em cada uma delas, deve haver entre música e Ideias não uma semelhança imediata, mas uma paralelismo, uma analogia, cujo fenômeno na pluralidade e imperfeição é o mundo visível.<sup>33</sup>

A música fala as emoções pelos sons. Essas emoções não afirmam a Vontade, mas a negam. A música não expressa nenhum tipo de emoção particular, mas a emoção mesma, em si. Nas outras artes encontramos as ideias expressas; na música não há essa intermediação, da exposição, ela é diretamente a coisa-em-si. Ao contemplar a música somos levados a um estado de sublimidade. A música é a única arte que nos dá acesso a todos os outros graus da arte; desse modo torna-se uma arte suprema.

Essa arte suprema é esclarecedora e potencializa as outras artes. Assim, poderíamos dizer, quando se imagina uma cena e se coloca uma música de fundo, o sentido desta cena se intensifica, caso a música seja adequada. De acordo com o ritmo da música podemos também ter uma emoção diferente. Quando se toca uma música com um tempo mais lento, de melodia suave, essa música pode ser interpretada como uma música romântica; quando ela é mais rápida, de melodias mais forte, interpreta-se como uma música de ação.

Neste sentido o cinema se utiliza muito da música para que o espectador possa compreender melhor o que o filme quer representar. Assim temos, por exemplo, músicas de suspense, de drama, de aventura. Mas a música verdadeira para Schopenhauer é a que não possui nenhuma fala, é a música que só utiliza a linguagem dos instrumentos.

A música, portanto, caso vista como expressão do mundo, é uma linguagem universal no mais supremo grau, que está até mesmo para a universalidade dos conceitos como aproximadamente estes estão para as coisas particulares. Sua universalidade, entretanto, não é de maneira alguma a universalidade vazia da abstração, mas de um tipo totalmente outro, ligado a uma determinidade mais distinta e contínua.<sup>34</sup>

Deste modo, a música não necessita de uma exposição plástica como é o caso nas outras artes. A própria música é identificada por Schopenhauer como uma metafísica. Somos capazes de entender a música, mas não de representá-la. Como diz Lefranc:

Não há como tornar inteligível uma relação de imitação ou de reprodução entre o mundo e a música. Temos sem dúvida de nos contentar com compreendê-la imediatamente e, neste sentido, a música é o paradoxo de uma linguagem inefável. O que apreendemos como música é igualmente aquilo que apreendemos como vontade, a

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 338-339.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 344.

mesma misteriosa coisa-em-si, sem que estas formulas impliquem qualquer recurso irracional a um tipo de mística ou a um entusiasmo religioso.<sup>35</sup>

Assim, a música só é compreendida pela sua comunicação imediata com o sujeito, não podendo ser compreendida de outra forma.

---

<sup>35</sup> LEFRANC, 2007, p. 211.

## Considerações finais

Para que se consiga entender a arte conforme a concepção schopenhaueriana é imprescindível que compreendamos, primeiramente, o primeiro e segundo livro de sua obra principal *O mundo como vontade e como representação*. Foi isso que tentamos fazer nas primeiras páginas de nossa pesquisa.

Assim podemos averiguar, no primeiro livro, que, para o filósofo de Danzig, nada pode ser representado fora da relação sujeito e objeto. Toda representação pressupõe necessariamente a relação sujeito objeto. Por sua vez, o sujeito que representa é incapaz de se conhecer a si próprio. Notamos também que o conceito corpo exerce uma função fundamental na filosofia de Schopenhauer. Além disso notamos que a formação de toda representação pressupõe as formas puras do tempo, do espaço e da causalidade (formas do entendimento), essa última identificada com a matéria. Vimos também que a faculdade que distingue o homem dos outros animais é a faculdade da razão, cuja função primordial é aquela de possibilitar a formação de representações abstratas.

No segundo livro tratamos a questão do mundo como vontade e encontramos nela a essência de todas as coisas, desde as inanimadas até a sua expressão máxima que é o corpo humano. A vontade independe de nosso querer e não se submete ao princípio de razão.

Em seguida aprofundamos mais especificamente a concepção schopenhaueriana de arte e constatamos que a concepção platônica do mundo das Ideias é essencial para a mesma. A contemplação das Ideias permite ao sujeito um estado de exceção: ele se torna puro sujeito de conhecimento, para além de todo domínio que exerce a vontade sobre ele. Notamos também que quem tem a capacidade de produzir obras de arte são os gênios. Somente eles são geniais. O gênio capta de forma singular a Ideia e a transmite na obra de arte. Ainda que todos os seres humanos possam contemplar a Ideia presente numa obra de arte, somente o gênio é capaz de produzi-la, pois quem não é gênio se utiliza da técnica para copiar a arte produzida pelo gênio.

Vimos também que Schopenhauer classifica as artes de diferentes formas: arquitetura, jardinagem, pintura e escultura de animais, pintura e escultura humana e, por último, a poesia. A arte trágica exerce na concepção de Schopenhauer uma função essencial, pois nela, como objetivação da vontade, retrata-se aquilo que significa para o ser humano existir no mundo: uma tragédia.



Por último Schopenhauer trata da arte dos sons: a música. A música é a única arte que acessa todos os graus da arte, sendo, desse modo, uma arte suprema. A música é tão “inteligível” que não se pode compreendê-la de outro modo que não seja através do seu ouvir. Esta compreensão não é representativa, mas afeta o mais profundo do nosso ser, essencialmente ligada a Vontade. Schopenhauer identifica, inclusive, música com filosofia: Os verdadeiros músicos são filósofos, que trabalham com os princípios metafísicos do mundo: *música é um exercício oculto de metafísica no qual a mente não sabe que está filosofando.*

### ABSTRACT

We will present an understanding about Schopenhauer's comprehension about art, in his major work "*The World as Will and Representation*". The first book, "The world as representation" that, for the philosopher of Danzig, demonstrates how we understand the world, theory of knowledge, because the world is merely a representation to the subject, and we are affected by this representation that awakens desires, that are not offered by our reason. For what causes these desires is the Will, which is treated in the second book and is not subject to the principle of reason, metaphysics of the will. And then we treat with the scope of this work, that is, Schopenhauer's conception of art. That expresses the vision of genius on the world and its ability to represent it differently, expressing it through the arts. What makes the common man be in a state of sublimity, suspension of desires, with the denial and affirmation of the Will itself. And, by the art of poetry, shows the real world through the tragedy, which represents reality in its purest form. And finally the music, the art of sounds. Which is able to talk directly with the thing-in-itself. For Schopenhauer, music is the philosophy itself, it is a hidden metaphysical exercise in which the mind does not know that is making philosophy.

Keywords: principle of reason, will, representation.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BARBOZA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CARDOSO, Renato César. *A ideia de justiça em Schopenhauer*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- HEGEL, George W. F. *Curso de estética: o belo na arte*. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores), 1996.
- JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- LEFRANC, Jean. *Compreender Schopenhauer*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MACHADO, Roberto. *O nascimento do trágico: de Schiller e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2006.
- PLATÃO. *Mênon*. São Paulo: Ed. Loyola, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005.
- \_\_\_\_\_ Die Welt als Wille und Vorstellung II. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968.
- TRABATTONI, Franco. *Platão*. São Paulo: Annablume, 2010.